

## APRESENTAÇÃO

# ERROS MEUS, FORTUNA NOSSA: DA FALHA COMO ACERTO

*Erros meus, má fortuna, amor ardente*

Luís de Camões

Este número da Revista *CEM* tem como principal base de apoio as comunicações apresentadas no VI Encontro do CITCEM, realizado em novembro de 2017 e subordinado ao tema *Erros meus, fortuna nossa: da falha como acerto*. Pareceu-nos nessa altura que um tal título, inspirado no primeiro verso de um conhecido soneto camoniano, poderia suscitar um significativo conjunto de ensaios e estudos em torno dos conceitos de erro, fortuna, falha ou acerto, capazes de nos interpelarem no contexto mais amplo de uma reflexão transdisciplinar. Cremos que o conjunto de ensaios que agora se publica vem confirmar plenamente essa expectativa e abrir portas a um debate que é preciso alargar e aprofundar.

O *dossier* abre com a conferência de Luís Portela, que reflete sobre a questão da falha e de acerto a partir da sua experiência profissional e pessoal, seguindo-se uma abordagem filosófica do tema a cargo de Diogo Alcoforado. A temática em questão é depois equacionada numa série diferenciada de campos: psiquiátrico (por Raul Guimarães Lopes); militar e jurídico (por Bruno Reynaud de Sousa); político (por Thomas P. Wilkinson); na área das epistemologias históricas (por Maria Otilia Pereira Lage, numa visão mais teórica, e por Duarte de Babo Marinho e Nuno Bessa Moreira, por um lado, e Joana Lencart, por outro, numa perspectiva aplicada); no domínio da frenologia oitocentista (por Frederic-Gaël Theuriau); e no vasto campo das artes, que ocupa a parcela mais volumosa deste número da revista.

Fernando Guimarães discute o tema d'*A criação artística, o erro e a verdade*, pondo em diálogo *poesia e estética* ao passo que o escritor Michel Host nos apresenta uma reflexão pessoal sobre a criação poética enquanto forma de superação sublimante do erro, o geneticista e psicanalista Philippe Willemart aborda *A falha como acerto na física, no manuscrito e na pintura*. As *coreografias da fortuna [e do erro]* são depois estudadas por Maria de Fátima Lambert, enquanto que Manuel Frias Martins, partindo de um romance de Saramago, aborda *O erro tentador ou o princípio ativo da ficção literária considerado a partir da cultura da pós-verdade*. O erro na metodologia das humanidades constitui o tema do ensaio de Maria Luísa Malato, seguindo-se trabalhos noutras áreas disciplinares, como o desenho (focado por José Manuel Barbosa), a fotografia digital (tratada por Maria do Carmo Serén), a estética (debatida por Tânia Moreira) ou a língua (de que se ocupa Clara Barros). Os onze artigos seguintes debruçam-se em temas literários, a partir de objetos e metodologias diversas: John

Greenfield, Mafalda Sofia Gomes, J. Carlos Teixeira e Paul Gross estudam questões da literatura alemã medieval; Carlota Pimenta analisa a importância das emendas de Camilo Castelo Branco para o estudo do processo criativo desse grande escritor romântico; Elsa Pereira considera os *Erros de autor em testemunhos dactilográficos* e propõe um modelo de edição digital da poesia de Pedro Homem de Mello um poeta injustamente esquecido; Francisco Soares debate a questão da tradução, partindo de Haroldo de Campos e Iuri Lotman e detendo-se depois num caso concreto da cultura e da literatura angolanas; Maria João Reynaud aborda o erro no plano psicológico e ético-social, perspectivando-o à luz do livre-arbítrio, na peça *O Gebo e a Sombra*, de Raul Brandão; Carmen Matos Abreu reflete sobre as facetas do erro num conto de Virgínia Woolf; Francisco Topa discute as falhas das leituras, sobretudo políticas, de um clássico da literatura moçambicana *Nós Matámos o Cão Tinhoso!*, de Luís Bernardo Honwana; e Paulo Jorge Augusto Matos aborda o erro num volume de contos de Valter Hugo Mãe. O *dossier* termina com dois ensaios que incidem noutros tantos campos disciplinares: Andriana Hamivka escreve sobre a importância do erro no âmbito do ensino formal na época contemporânea e Gabriela Benner debate o chamado Faux-Hebreu, enquanto representação inexata do idioma hebreu presente na iconografia cristã europeia dos séculos VI a XVI.

Na secção *Varia*, há um artigo sobre uma desconhecida — e importante — matriz sigilar portuguesa em ouro, do século XV, da autoria de Saul António Gomes, João António Portugal e António Silva-Araújo. Segue-se um ensaio de Gabriel Magalhães sobre *A morte de deus e a agonia da literatura*; e a encerrar, um estudo de Celina Silva sobre a *Histoire du Portugal par Cœur*, de Almada Negreiros.

John Greenfield  
Celina Silva  
Francisco Topa  
Maria João Reynaud